



27 E 28 DE ABRIL

NO MAESTRO MIRO ÀS 19H.

DIA 29 DE ABRIL A GRANDE FINAL,
NA PRAÇA PRAÇA DO FÓRUM ÀS 19H.

APRESENTAÇÕES DAS 12 MÚSICAS

CLASSIFICADAS

E SHOW DA BANDA JULIANO SOM
E BANDA LIVRES PARA ADORAR.

André Pomponet

O dia em que a Feira parou

André Pomponet - 30 de abril de 2017 | 12h 06

2

Milhares de feirenses encorporaram a marcha que marcou a maior Greve Geral das últimas décadas no Brasil. Imagino que algo similar só tenha acontecido no distante 1989, durante o governo José Sarney. Depois da concentração em frente à prefeitura, os manifestantes percorreram parte do centro da cidade, como a avenida Senhor dos Passos e a rua Conselheiro Franco. O impacto da greve sobre a rotina da cidade foi visível: poucas lojas abriram e, as que abriram, não registraram movimento.

Ao contrário de protestos anteriores, dessa vez houve maior articulação: ônibus não circularam, os bancos não funcionaram, escolas públicas e privadas dispensaram seus alunos, repartições públicas se mantiveram fechadas e o movimento no centro comercial foi pífio. Foi, sem dúvida, uma demonstração de força dos trabalhadores.

Pôde-se observar a presença de várias centrais sindicais nas ruas feirenses. Sinal que as discordâncias históricas estão sendo superadas, pelo menos nesse momento de vertiginosas investidas contra os direitos dos brasileiros. Fundamental também tem sido o papel da Igreja Católica, que em muitos momentos contribuiu decisivamente para substanciais avanços para o país, como na luta pela redemocratização. Agora, novamente, a instituição se posiciona ao lado dos mais pobres.

No país inteiro – contabilizando aí boa parte dos estados – milhões de brasileiros foram se posicionar contra o falso consenso forjado em torno das deletérias reformas tocadas pelo governo de Michel Temer (PMDB-SP), o mandatário de Tietê. Caso o perverso ciclo reformista seja concluído, o Brasil emergirá com dezenas de milhões de pessoas permanentemente excluídas da sociedade, sem acesso a direitos mais elementares.

Primeiro passo

As jornadas de sexta-feira, porém, representaram apenas um primeiro passo na luta contra o reformismo redentor do emedebê. É necessário muito mais mobilização e outras formas de manifestação – com menor escala, mas com idêntica visibilidade – tem que ser planejadas. Afinal, sem discussão ou contradição, já passaram a terceirização e a pretensa reforma trabalhista pela Câmara dos Deputados. E seguem as manobras para a aprovação da reforma da Previdência.

O mandatário de Tietê escora-se no apoio monolítico da chamada Grande Mídia – que, quando mostrou a manifestação de sexta-feira, se limitou a exibir as cenas de violências provocadas pelos infiltrados de sempre – e mercadeja no balcão fisiológico à moda dos caixeiros antigos, naqueles históricos armazéns de secos e molhados. Armas sólidas, mas que se fragilizam à medida que a pressão popular cresce.

É evidente que, daqui em diante, o temerário regime tende a endurecer: mais polícia e mais exército nas ruas para intimidar trabalhadores insatisfeitos. Além de prisões,

CHARGE DA SEMANA



COLUNISTAS



César Oliveira

Greve geral: nem tanto nem tanto a terra

Reforma do HGCA, já



Glauco Wanderley

Hora de agradecer e pa

Ambulatório da Uefs fi em 2016. Mas não funci



André Pomponet

15 mil empregos formai desde o início da crise

O dia em que a Feira pa



Valdomiro Silva

Bahia mostra avanço n se credencia nas finais Nordeste e do Estadual

Flu decepciona nos jog mas saldo do clube no l

positivo

AS MAIS LIDAS HOJE

- 1 Greve geral: nem tanto ao mar, nem tar
- 2 Bahia mostra avanço nos Ba-Vis e se ci finais da Copa do Nordeste e do Estadu
- 3 Para 60% dos brasileiros, patrões serão favorecidos por reforma trabalhista, diz
- 4 Feira de Santana tem vagas para padeir esteticista e outros

ameaças e processos, que tendem a se tornar mais comuns, caso as manifestações cresçam. Afinal, o mandatário de Tietê deve deixar o poder exibindo rejeição em níveis recordes. Para tocar o que pretende, sem repressão, só por milagre.

O fato é que, sexta-feira, o brasileiro mostrou disposição para defender seus direitos, ainda que as reações tenham começado com atraso de meses. O lado bom é que, parafraseando a famosa canção de Raul Seixas, sexta-feira foi o dia em que o Brasil parou. Foi, também, o dia em que a Feira parou.

LEIA TAMBÉM

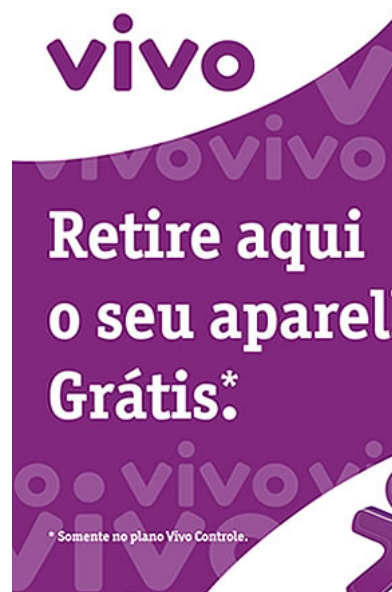
André Pomponet

15 mil empregos formais perdidos desde o início da crise em Feira

Crise aproxima o brasileiro do noticiário econômico

Reforma trabalhista é a revogação da Lei Áurea

5 Motorista sobrevive após carro ficar preso entre carretas



[INÍCIO](#) [O TRIBUNA](#) [ANUNCIE AQUI](#) [EDIÇÃO IMPRESSA](#) [VOCÊ NO TRIBUNA](#) [FALE CONOSCO](#)

55 75 99801 5659
redacao@tribunafeirense.com.br

75 3225 7500
Rua Quintino Bocaiúva, 701, Ponto Central, Feira de Santana-BA

/Jornal Tribuna Feirense
[@tribunafeirense](#)

Tribuna Feirense © 2017. Todos os direitos reservados

